



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **O *Reveillon* nos prédios, no calçadão e na praia: etnografia de um evento de final de ano na “Nova Ponta Negra” em construção.**

Rodrigo Pollari Rodrigues  
UFAM/PPGAS  
pollari.rodrigues@gmail.com

Esta comunicação constitui reflexão realizada a partir de pesquisa de Mestrado em andamento no âmbito do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFAM, intitulada “Carne, pedra e água: urbanização e usos de um “santuário” às margens do Rio Negro”, na qual pretende-se desvelar os comportamentos corporais associados às águas de freqüentadores da praia da Ponta Negra, única praia urbana de Manaus e sua relação com a urbanização do local.

A praia da Ponta Negra é uma praia fluvial banhada pelo Rio Negro, situada na Zona Oeste da cidade, em bairro homônimo, cujas dimensões variam de acordo com a época do ano, respeitando o regime das águas, podendo estar completamente embaixo d’água nos meses de Abril, Maio e Junho, bem como apresentar extensa e larga faixa de areia nos meses mais quentes do ano, a saber, agosto, setembro e outubro. Nestes meses a freqüência à praia é maior, embora haja número considerável de freqüentadores em outras épocas, sobretudo aos finais de semana.

A freqüência à praia da Ponta Negra remonta a meados dos anos 60, quando uma estrada até o local foi aberta. Fotografias da Ponta Negra realizadas por Tabor Jablonsky para o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1968 mostram a presença de banhistas e alguns equipamentos de apoio, tais como mesas e cadeiras instaladas sob “chapéu de palha”.

Esta estrada no decorrer dos anos 70 foi pavimentada e duplicada, às suas margens formaram-se loteamentos e conseqüentemente condomínios fechados residenciais horizontais de classe média alta. Em 1976 é inaugurado ao final da praia o Tropical Hotel Manaus, empreendimento hoteleiro, estilo *resort* que inseriu as primeiras fronteiras físicas à Ponta Negra e ainda hoje marca a paisagem do local, em especial com a construção de uma unidade vertical que posteriormente foi vendida e tornou-se Park Suites.



Na primeira metade dos anos noventa é inaugurado o Parque de Lazer da Ponta Negra, do qual a praia da Ponta Negra hoje faz parte. Sua estrutura urbanística é composta por um calçadão superior de cerca de 2km ao nível da Avenida Coronel Teixeira, uma das vias de acesso ao local e um calçadão inferior de 1,5 km, ambos dispendo de bares e restaurantes, bem como quadras de esportes e um anfiteatro, palco de eventos musicais, comemorativos e religiosos, como o *Reveillon*.

Concomitantemente é inaugurado o primeiro empreendimento residencial vertical de frente para a praia da Ponta Negra e o Rio Negro, o “Aruba”, no loteamento conhecido como Conjunto Residencial Itapuranga II, situado do outro lado da Avenida Coronel Teixeira. Posteriormente foram surgindo outros empreendimentos residenciais de alto padrão neste loteamento, seguindo uma lógica de “autosegregação”, no sentido de CALDEIRA (2008), cuja distância do centro<sup>1</sup>, o policiamento privado ostensivo e a verticalidade dos apartamentos oferecem ao morador uma sensação de segurança. Da mesma forma que o primeiro, a maioria dos edifícios possuem nomes que dizem respeito à água, ao rio ou a estações balneárias como por exemplo, “Piazza de l’acqua”, “Acquerelle”, “Riviera Francesa”, “Mediterrané”.

Curiosamente, a partir de observação direta e conversas informais percebemos que os moradores não descem de seus apartamentos até a praia e muito menos tomam banho em suas águas. Por outro lado é comum observar moradores caminhando ou correndo no calçadão pela manhã. Alguns inclusive vão até o calçadão de carro, embora morem a poucos metros dele.

Em contrapartida, no que diz respeito ao uso da praia e de suas águas para fins de banho associado ao lazer, a maior frequência são de pessoas que moram em bairros bastante distantes da Ponta Negra, situados na Zona Leste e na Zona Norte, bairros conhecidos como sendo de periferia, que se deslocam para a Ponta Negra em viagens de ônibus que duram mais de uma hora. Tivemos oportunidade de descrever algumas dessas viagens e analisá-las antropologicamente em POLLARI RODRIGUES & BRAGA (2010).

---

1 A praia da Ponta Negra dista cerca de 13 km do centro da cidade de Manaus, correspondendo a vinte minutos de carro. Do centro para outros lugares esta mesma distância e, horários de picos corresponderia a cerca de uma hora, devido ao grande fluxo de veículos, o que não se percebe na Ponta Negra no qual a densidade populacional é a segunda mais baixa da cidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Configura-se, portanto, uma situação onde os moradores da Ponta Negra, que por mais que seduzidos por esta volta à natureza, ao rio, a ponto de adquirirem um imóvel com vista para o Rio Negro, não compartilham da mesma vontade dos freqüentadores de se banhar no rio, além de mostrarem pouca simpatia em relação a eles. É comum ouvir de moradores sua insatisfação com o que ocorre na Ponta Negra aos finais de semana, como barulho, engarrafamento, falta de segurança, embora não costumem “descer” nessas ocasiões.

Delineia-se aí uma diversidade de usos e visões a respeito da Ponta Negra que decorre em um conflito de concepções de lugar, no quais estão em jogo, no mínimo, duas representações de Ponta Negra, ou seja, uma representação da praia e de seus banhistas e outra dos moradores acerca do lugar e das águas do rio Negro.

Acrescenta-se também que muitos dos freqüentadores que visitam a Ponta Negra também não costumam tomar banho na Ponta Negra e nem sequer “descem” até a praia. Para alguns deles ir à Ponta Negra significa “dar um passeio pelo calçadão”. Tais concepções sugerem também fronteiras simbólicas que podem ou não estar associadas a fronteiras físicas, mas de um modo ou de outro constituem interditos e limitações de acesso a determinados lugares da Ponta Negra.

A presente comunicação é uma tentativa de mapear tais interditos, buscando perceber através de atitudes rituais dos próprios freqüentadores e moradores, até onde cada um é permitido ir e até onde cada um se permite ir na Ponta Negra, entendendo que a própria apropriação do espaço também sugere uma visão de si e uma visão que se quer de si e envolve lógicas e estratégias de distinção e luta por visibilidade. Neste sentido também adquire importância para análise as táticas

Para efeitos de descrição etnográfica e análise, pretende-se nesta comunicação desvelar as múltiplas dimensões de *espaço público* de um lugar como a Ponta Negra a partir das diversas “táticas” de apropriação do espaço das categorias de pessoas que freqüentam e moram neste lugar, entendidas aqui enquanto “operações de demarcação”, produtoras de “fronteiras” e “pontes” no sentido de CERTEAU (2008). Tais táticas tenderiam de um lado à luta por visibilidade e contato, e de outro à “abstenção do encontro”, nos termos de LEITE (2009). Adquire também importância na análise as “estratégias” do poder público no direcionamento de usos e legitimação de espaços



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

acionados por meio de políticas de requalificação urbana em andamento na Ponta Negra.

### **“Nova Ponta Negra” e o Reveillon: Lugar e Tempo de Passagem**

É considerada uma tradição de Manaus a queima de fogos de artifício marcando a passagem de ano na praia da Ponta Negra. A Prefeitura de Manaus é quem se encarrega da estrutura necessária para a realização da “festa”, que conta também com show musical de artistas locais e nacionais no Anfiteatro da Ponta Negra. Balsas são posicionadas próximas à orla com toneladas de fogos de artifício e estrutura complementar e temporária é construída ao redor do anfiteatro para abrigar camarotes. Foi assim na passagem do ano de 2009 para 2010.

Em virtude dos preparativos para o evento da Copa do Mundo da FIFA que será realizada no Brasil em 2014, tendo Manaus como uma das sedes, a Prefeitura de Manaus desenvolveu um projeto de requalificação da orla da Ponta Negra, a ser executado com verba federal do Ministério do Turismo em duas etapas. A “nova Ponta Negra”, segundo consta nos informe publicitários da prefeitura, terá uma praia perene, rede de esgoto parcial, mais ofertas de estacionamento e a ampliação do calçadão.

Assim, desde o dia 14 de agosto de 2010 a área que compreende o Anfiteatro até o muro do Tropical Hotel foi interditada para início da primeira etapa dos trabalhos de requalificação, o que trouxe dúvidas quanto a viabilidade da realização do evento na virada do ano de 2010 para 2011. A promessa da Prefeitura, segundo reportagem veiculada no Jornal A Crítica do dia 17 de outubro de 2010, era de que a “festa da virada” aconteceria na Ponta Negra, com o anfiteatro revitalizado junto com três estacionamentos e para isso as obras estariam aceleradas com previsão de entrega à população ainda em dezembro, antes da festa.

No dia 7 de dezembro outra notícia, agora veiculada pelo site do Jornal Diário do Amazonas, d24am.com, informou que em virtude da reforma que interditou anfiteatro e parte do calçadão a festa seria transferida deste local para a avenida que corta a orla. Estratégia similar à que aconteceu na “Virada Cultural”, evento cultural de Show e apresentações teatrais e cinematográficas realizado pela prefeitura que ocorreu simultaneamente em vários lugares de Manaus, inclusive na Ponta Negra, onde, por se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

encontrar parcialmente interdita, foi montada uma estrutura de palco, luz e som na Avenida Coronel Teixeira.

No entanto, o que realmente aconteceu foi a transferência da tradicional festa para o Sambódromo da cidade, na região Centro- Oeste. Houve festa de Reveillon também na Zona Leste e na Colônia Oliveira Machado. Ainda assim foi mantida a queima de fogos na praia, que segundo informação veiculada no Jornal A crítica de 31 de dezembro de 2010, se deu pelos pedidos de moradores e empresas de turismo que promovem atividades na Ponta Negra na ocasião do réveillon.

A novidade em relação aos anos anteriores seria a instalação de uma estrutura semelhante a um palco para apresentação de grupos religiosos de matrizes africanas que fazem uso da Ponta Negra para comemoração da passagem de ano. Segundo Alberto Jorge Silva, em entrevista dada à mesma reportagem a festa dos grupos de candomblé na Ponta Negra acontece desde o final dos anos 70. Além das apresentações dos grupos estavam previstos atendimentos de mães e pais de santos em tendas instaladas próximas ao local.

### **Caminhos e fronteiras metodológicas**

Para Michel de Certeau (2008: 183), caminhar “é ter falta de lugar”. Torna-se, portanto, uma busca, não pelo tempo perdido e sim pelo lugar perdido, ou ainda não conhecido, constituindo a própria prática etnográfica. Não é à toa que Hélio Silva (2009) reconhece no relato etnográfico um “livro de andar e ver”, “registro de andanças e coisas vistas”, no qual o “conhecimento sobre a cidade é um conhecimento produzido pelos percursos”. Percurso esse que realizado ao mesmo nível dos transeuntes e demais praticantes da cidade permite uma visão de dentro, do “interior de suas entranhas”, que se opõe a visão panorâmica, totalizante e por isso reducionista, também criticada por Certeau (2008).

Ainda para Certeau (2008), o registro [etnográfico] de uma caminhada, longe de ser uma descrição passiva de uma realidade objetiva, organiza o espaço percorrido e cria lugares, estabelece “demarcações”, “fronteiras e pontes”. Nesse sentido, adquire relevância os conceitos de “fronteira” e “limiar” explicitador por Jeanne Marie Gagnebin (2010) e atribuídos a Walter Benjamin.



A “Fronteira” na concepção da autora, “contém e mantém algo, evitando seu transbordar, isto é define seus limites não só com os contornos de um território, mas também como as limitações de seus domínios” (GAGNEBIN: 2010, 13). Gagnebin acrescenta que o estabelecimento de fronteiras teria a “intenção de proibir ultrapassagens perigosas ou falsas transcendências”.

O “limiar” por outro lado, permitiria tais ultrapassagens, na medida em que sua concepção diz respeito a uma linha que pro mais que separe dois domínios estabelece uma ligação de duração e extensão variável entre esses domínios. Tal flexibilidade de duração e extensão dependeria da “rapidez ou da lentidão, da agilidade, da indiferença ou do respeito do transeunte” (GAGNEBIN : 2010, 14).

Jeanne Marie Gagnebin (2010: 15) também reconhece que a filosofia ocidental opõe certa resistência às zonas intermediárias, da qual o conceito de limiar é sinônimo. Idéia similar é a de Mary Douglas (1990) que identifica por parte da sociedade ocidental um medo das figuras anômalas ou ambíguas, que conjugam características de dois domínios diferentes, por representarem situações de perigo. Gagnebin (2010: 15) pensando com Walter Benjamin atribui a essa resistência ao híbrido, ao intermediário, o fato de diminuição, retração dos momentos e espaços de transição na modernidade, no qual as mesmas “devem ser encurtas ao máximo para não ‘se perder tempo’”.

Marc Augé (2010), por outro lado, em seu livro *Por uma antropologia da modernidade*, sugere que estamos prestes a viverem em um mundo de globalização no qual a tendência seria a de abolição das fronteiras e o aumento dos lugares de fluxos e de passagens. Ainda assim, reconhece que essa suposta suspensão dos obstáculos e do contato entre as pessoas esconde muitas desigualdades que fazem ressurgir fronteiras.

Pierre Bourdieu (2007) nos oferece um quadro teórico interessante para se pensar os processos de delimitações de fronteiras e regiões envolvendo grupos dominantes e dominados a qual chama de “luta pelo poder de di-visão”. Segundo o autor a etimologia da palavra região (regio) sugere o “princípio da di-visão, ou seja, ato mágico que introduz por decreto uma descontinuidade decisória na continuidade natural” (BOURDIEU: 2007, 113). As lutas a que se refere Pierre Bourdieu se dão em torno do poder de estabelecer essas descontinuidades, ou então subvertê-las legitimamente, ou seja, através de seu conhecimento por parte de seus integrantes e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

reconhecimento por parte dos outros. Trata-se no fundo de lutas por “autonomia”, ou seja, poder de dizer a si mesmo, de estabelecer seus próprios domínios.

A caminhada realizada e registrada neste texto é fruto também do contato com outros registros de caminhadas, outras espacialidades estabelecidas ou não por um poder simbólico, transgredidas ou não pelas práticas cotidianas. Nesse sentido, organizei o que seriam quatro domínios – prédio, calçadão, praia e rio apreendidas através do relato etnográfico acima produzido, como estratégia de análise que não se furtará em dar conta dos caminhos e passagens que poder ser estabelecidos entre eles.

## **Prédio**

Os prédios da Ponta Negra na ocasião descrita acima nos oferecem aos seus moradores e respectivos convidados ao mesmo tempo que visibilidade, com a iluminação das varandas e das luzes de natal, também proteção tendo em vista as grades e muros que impedem o acesso de estranho.

Intimamente ligados a uma lógica de autosegregação, entendida aqui nos termos de Teresa Caldeira (2008), no qual se tem a “imagem de um mundo exclusivo, isolado, disciplinado, fortificado, homogêneo e auto-suficiente”, que se opõe a heterogeneidade, interdependência, indisciplina e inseguranças presentes nos centros das cidades, tais prédios constituem fronteiras tanto físicas (grades, policiais, sistemas de alarme, câmeras, altura), quanto simbólicas, referentes, sobretudo, ao status e posição social ocupada pelos que usufruem deste espaço. Nas palavras de Caldeira (2008: 259):

Os enclaves fortificados conferem status. A construção de símbolos de status é um processo que elabora diferenças sociais e cria meios para afirmação de distância e desigualdades sociais. Os enclaves são literais na sua criação de separação. São claramente demarcados por todos tipos de barreiras físicas e artifícios de diferenciação social. Eles oferecem uma nova maneira de estabelecer fronteiras entre grupos sociais, criando novas hierarquias entre eles e, portanto, organizando explicitamente as diferenças como desigualdades.

Estabelecem também oposição e fronteiras entre o alto e o baixo, entendidos aqui no sentido de Roberto Da Matta (1997: 30), que mesmo não exprimindo “altitudes



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

topograficamente assinaladas”, exprime “regiões sociais convencionais e locais”, “podendo sugerir segmentação social e econômica”. Por outro lado, Carlo Ginzburg (2007: 98) sugere em seu texto sobre o *conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII* que a oposição alto/baixo seria a mais universal de todas. Reconhece que apesar de tal afirmação não passar de “pura hipótese” é significativo o fato de que “cada civilização situou a fonte do poder cósmico – Deus- nos céus”. Em oposição à Terra, os Céus seriam também incorruptíveis, assim como inalcançáveis.

Delineia-se aí, inclusive, uma fronteira cosmológica, que não é transposta nem por quem é de fora, como também por quem é dentro. Lembremos que os moradores da Ponta Negra não costumam descer à “terra”, ao calçadão, a não ser pela manhã, para caminhar, não podendo e não querendo ser confundido com os frequentadores noturnos da Ponta Negra e muito menos com os banhistas que tomam banho em suas águas, afinal de contas dispõe de piscina privativa entre muros.

## Calçadão

No calçadão percebemos outro estabelecimento de fronteiras, agora por meio de ações do poder público que visam a requalificação urbana da Ponta Negra, com vistas à sua adequação a uma série de usos e atividades ligadas direta ou indiretamente à Copa do Mundo de 2014, que não segundo discurso dos próprios gestores não condizem com os atuais usos da mesma.

A requalificação urbana, nos termos de Paulo Peixoto (2009: 46), “corresponde a uma prática de planificação ou de proteção urbanística de equipamentos e de infra-estruturas expostos à degradação e à obsolescência funcional”. Paulo Peixoto (2009: 41) acrescenta o “caráter predominantemente técnico que pode assumir tende a isentá-la, frequentemente e forçadamente de um carga política que outros processos que as enquadram transportam consigo de modo evidente”, tais como os processos de enobrecimento, caracterizados, sobretudo, por uma “transformação de significados” (Leite: 2004, 19) associados a determinados usos de um determinado lugar resultando nas substituição de público.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Não podemos aferir ainda se o processo de requalificação urbana da Ponta Negra visa em última instância um direcionamento a usos e atividades referentes a camadas da população mais abastadas ou menos estigmatizadas. No entanto, o que percebemos é tendo como justificativa a requalificação, o acesso ao calçadão foi restringido e em decorrência disso esvaziado de pessoas. Se a frequência de visitante não diminuiu ou diminuiu pouco, se deve à permanência de alguns vendedores ambulantes expulsos do calçadão em reforma, em outros pontos ainda não interditados do calçadão.

No que se refere ao Reveillon, percebo que o calçadão não estava “contemplado” na festa e, em decorrência disso, nem seus frequentadores. Para eles a prefeitura havia reservado outro espaço para a comemoração da passagem de ano, o Sambódromo. Sua permanência ali constituía contra-usos, no sentido de Rogério Proença Leite (2004), ou seja, usos contrários aos previamente estabelecidos e disciplinados pelo poder público. Não só permaneciam como também criavam equipamentos urbanos temporários que justificassem a permanência naquele espaço não montados para isso, como é o caso daquela família que instalou a ceia Ano Novo no meio do calçadão com mesas, cadeiras e geleira.

A queima de fogos só foi visível completamente àqueles que estavam ou nos barcos, ou nos prédios, ou então na prainha, onde estava instalado a estrutura de palco para as comemorações de passagem de ano daqueles que professam religiões de matrizes africanas. Acrescente-se a isso o fato de os banheiros químicos foram instalados também na praia e não no calçadão.

## **Praia**

Como foi sugerido acima os banheiros químicos e estrutura de palco indicariam que na passagem de ano de 2011 o centro das comemorações foi transferido para a praia e mais especificamente a “prainha”. Tal mudança se constituiu novidade ainda mais reconhecendo que até nenhum não havia nem sequer acessos seguros à ela, como se pode notar na escada quebrada que até a manha do dia 31 de dezembro não havia sido concertada. Pela parte da noite já encontrávamos as escadas concertadas e inclusive um placa convidando quem tivesse interesse a participar do Reveillon na “prainha”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Trata-se também de grande oportunidade para as religiões de matrizes africanas tão estigmatizadas, que pela primeira vez, penso eu, recebem apoio institucionalizado da prefeitura para a realização de seus festejos e obrigados com o mínimo de estrutura possível e adquirem a visibilidade de estarem no centro das atividades. Acrescente-se a isso o fato das comemorações anteriormente terem sido realizadas no Anfiteatro, distante da “prainha”, lugar tradicionalmente ocupado pelas religiões de matrizes africanas. É nesse sentido que, Vagner Gonçalves da Silva (1995: 198), em seu livro *Orixás na Metrópole*, reconhece que as

manifestações nas praias das cidades litorâneas, em louvor à Iemanjá, devido à sua popularidade, talvez tenha sido, no processo de ocupação e sacralização dos espaços naturais da cidade, as que mais visibilidade trouxeram às religiões afro-brasileiras fora dos espaços restritos dos terreiros.

Nesse contexto é importante perceber também as fronteiras estabelecidas e reproduzidas entre os terreiros no espaço da praia. Segundo Vagner Gonçalves da Silva (1995: 202) “na praia, cada terreiro ocupa o trecho destinado a sua federação, onde reproduz o espaço do “barracão” do terreiro deixado na cidade para circunscrever ali o local onde deverão ocorrer os rituais”.

Segundo o mesmo autor tais

rituais públicos em louvor a Iemanjá nas praias das cidades brasileira, demonstram, assim, como a religião vai consagrando espaços naturais, ‘institucionalizando-os’ conforme sua visão sagrada e abrindo canais de diálogo com outras esferas da sociedade abrangente para tornar esta visão legítima e aceita como parte integrante do cotidiano da vida cultural e religiosa da cidade (SILVA: 1995, 205).

No entanto, o que se percebe é que muitas vezes esta integração não acontece, em virtude, sobretudo, do preconceito e muitas vezes do medo que as religiões afro-brasileiras ainda despertam no imaginário de algumas pessoas, constituindo assim um obstáculo para uma real visibilidade e integração de tais manifestações ao cotidiano da sociedade abrangente. Nina Rodrigues (2006: 29) em seu clássico *O animismo fetichista dos negros baianos*, publicado originalmente entre os anos 1896 e 1897, já apontava o “medo do feitiço como represália pelos maus tratos e castigos que lhe eram infligidos”, associados ao “temor supersticioso de praticas cabalistas de caracter misterioso e desconhecido” como um dos motivos para a dissolução de suas festas, batuques e candomblés.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Por outro lado, Roger Bastide (1983: 144) vê justamente nesse caráter misterioso e desconhecido, que dá o nome de teatro do segredo, o grande trunfo dos “negros” em contraposição aos brancos e seu teatro, teatro da integração social. Para Bastide o branco assiste a esse teatro, a esse “jogo, mas aqui é mero espectador, sem compreender o sentido do enigma, sentido que é dirigido contra ele”. É justamente o segredo, o mistério, e por que não o temor que promove sua principal identidade cultural, segundo o autor, ameaçada pelo poder branco. O branco aqui pode ser visto como qualquer um que não dominando esse código cultural não pode compartilhar do mesmo “lugar” que os negros, estando limitados a assistir de longe, por mais que no mesmo espaço.

Delineia-se aí uma fronteira de sentidos, que por mais que impeça a integração não deixa de seduzir quem está de fora, pois também constitui um “código de ambigüidade” a qual se deve a “beleza desse espetáculo”. Como exemplo, podemos citar os hóspedes dos barcos atracados ao redor da praia e que se utilizando de um bote chegaram à praia, atraídos pelas manifestações.

## **Rio e águas**

A situação acima descrita nos fornece a imagem do rio que conecta dois pontos ao invés de separá-los. Michel de Certeau (2008: 213) reconhece que ao mesmo tempo que o rio “faz fronteira”, ele “tem um papel mediador”. Sua travessia, ou imersão simboliza a passagem de um estado a outro.

Mircea Eliade (2008) se refere às águas e seu simbolismo, enfatizando nelas caráter e fundamento de toda a existência, “elas asseguram longa vida, força criadora e são o princípio de toda cura”. A água também é fonte de purificação, tudo que nela imerge se dissolve, morre, e o que torna à tona já é outro. Um mergulho nas águas do Rio Negro, um banho ritual às margens, portanto, pode significar para os fiéis possivelmente a expiação dos pecados acumulados no ano e onde um corpo e uma alma cansada e poluída morre e dá lugar a um corpo refrescado e uma alma purificada.

A preocupação com a pureza do corpo e da alma se reflete inclusive na interdição de se tomar banho, ou de realizar rituais em locais poluídos (SILVA: 1995, 207). Possivelmente decorre disso o fato de muitas pessoas que participaram dos rituais na praia da Ponta Negra não terem sequer ido até as margens do rio e ainda mais se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

banhado. O rio poluído nesse caso seria uma fronteira ritual, compartilhada não só por alguns candomblecistas como também pelos moradores da Ponta Negra e alguns frequentadores do calçadão

Ainda sobre o candomblé, como bem lembra Jean Duvignaud (1983: 77) em seu livro *Festas e Civilizações*, o mar - mas porque não os rios, em especial o Rio Negro que junta-se ao Amazonas para desaguar no Oceano Atlântico – seria um “lugar de passagem, elemento comum aos dois continentes”, o americano e o africano. O autor acrescenta que a própria Yemanjá, com sua aparência de virgem e corpo de peixe revelariam um “mundo intermediário, um fantástico ‘entremeio’, onde colaboram cultura e natureza e cuja ambiguidade será a relação assustadas e necessariamente confusa de todas as festas organizadas pelas seitas...”.

### **Considerações finais**

Antonio Augusto Arantes (1997), caminhando pelas ruas e praças do centro de São Paulo, desenvolve uma concepção de espaço público urbano enquanto espaço no qual atores sociais ganham “expressão espacial” através enquanto lutam para dar “visibilidade pública às suas identidades contrastadas”. Nele se entrecruzam as “moralidades contraditórias” de cada um que caminha, trabalha ou até vive neste contexto, que pelo contato, pelo fricção acabam se tornando moralidade “em guerra”, decorrendo daí a expressão “guerra de lugares” que figura como título do texto de Arantes.

Mas o que dizer quando “moralidades contraditórias” de um determinado espaço urbano não implicam em contato, em sobreposição? O que dizer quando os atores em questão buscam, sobretudo, manter uma certa distância ou reserva social em relação aos demais?

Roberto Da Matta (1997) preocupado com o comportamento ritual do brasileiro definiu três tipos de mecanismo rituais que seriam recorrentes em várias situações sócias: o *reforço*, a *inversão* e a *neutralização ou evitação*. Não cabendo aqui a caracterização de cada um deles detalhadamente, seria oportuno me ater ao último. Os ritos de *evitação* visam a exclusão ou afastamento de uma possível situação de conflito. Nas palavras do autor, “na *evitação* não se decide nem pela disjunção (que ocorre com o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

reforço) nem pela conjunção (que é obtida pela inversão)”, na verdade se “decide por uma relação fundada no afastamento”, onde não “há relação social visível” e onde “não se permite a comunicação social entre os agentes da relação por vias normais”

É nesse sentido que apreendemos grande parte das fronteiras estabelecidas entre os agentes e os lugares na Ponta Negra como ritos de “evitação”, no qual o que menos se vê é embate, o contato, o conflito e a guerra. O que não significa que não haja uma tensão entre os agentes e seus diversos usos do espaço público, ela apenas não se realiza nele. Seja nos lugares legitimados e fixados como os Prédios onde mora a indiferença, o o comportamento *blasé*, como diria Simmel (1997), perante o diferente, seja na praia onde o medo do outro impede inclusive o conflito, quanto mais conjunção, como também, como também no calçadão, espaço intermediário de fluxo, no qual a instalação de mesas e cadeiras no meio da passagem, constituem a instalação do espaço familiar, privado e fixo no espaço público, em uma tentativa de demarcá-lo, fixá-lo e por que não hierquizá-lo.

Rogério Proença Leite (2009: 192) quando se refere aos espaços públicos no mundo contemporâneo, supõe tratar-se de uma “encruzilhada pós-moderna” de interesses e condicionantes sociais, “uma fragmentação exasperada que tornaria a convivência marcada possivelmente pela formação de guetos, tribos e castas, cada um a demarcar seu espaço e incrustar-se em seus respectivos lugares”. Para além disto, salienta o mesmo autor, a “relativa perda de importância dos espaços públicos urbanos tradicionais (praças, ruas, parques, galerias) para os emergentes espaços virtuais de comunicabilidade em rede (chats, blogs, reality shows, TVs interativas)”. Acrescentem-se, ainda, os processos de *gentrification* ou enobrecimento de centros históricos urbanos e a “crescente proliferação de espaços fechados de moradia, consumo e lazer (condomínios fechados, shopping malls, parques temáticos)”, conforme já tivemos oportunidade de discorrer anteriormente neste projeto, quando tratamos da autosegregação urbana. “Todos esses processos” constituiriam “uma visível atitude defensiva em relação ao outro, ao estranho”, sendo necessário o resgate ou a invenção de um real sentido do público, onde reine as “combinações ou as misturas de uso, nunca o uso separado” (JACOBS: 2001), necessários para a fruição e compreensão da cidade.

## **Bibliografia**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ARANTES, Antonio Augusto (1997). Guerra dos lugares. In: FORTUNA, Carlos (org.) *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras (Portugal): Celta Editora.

AUGÉ, Marc (2010) *Por uma antropologia da modernidade*. Maceió: Editora UFAL; Editora UNESP.

BASTIDE, Roger ( 1983) Sociologia do teatro negro. In. *Sociologia*, Coleção grandes cientistas socais. São Paulo: Editora Ática.

BOURDIEU, Pierre (2007) *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CALDEIRA, Teresa Pires (2008) *Cidade de Muros*. São Paulo: Editora 34.

CERTEAU, Michel de (2008) *A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis : Vozes.

DA MATTA, Roberto (1997a). *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Editora Rocco

\_\_\_\_\_ (1997b) *Canavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

DOUGLAS, Mary (1991) *Pureza e Perigo*. Lisboa (Portugal): Edições 70.

DUVIGNAUD, Jean (1983) *Festas e civilizações*. Fortaleza: Editora UFC; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

ELIADE, Mircea (2008) *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.

GABNEBIN, Jeanne Marie (2010) Entre a vida e a morte, In. OTTE, Georg; SEDLMAYER, Sabrina; CORNELSEN, Elcio (orgs.), *Limiars e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

GINZBURG, Carlo (2007) O alto e o baixo: o conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII. In. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.

JACOBS, Jane (2001) *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

LEITE, Rogério Proença (2009) Espaços públicos na pósmodernidade, In. FORTUNA, Carlos & LEITE, Rogério Proença (org.) *Plural de cidade: novos léxicos urbano*. Coimbra (Portugal): Almedina.

\_\_\_\_\_ (2004) *Contra-usos da cidade*. Campinas: Editora da Unicamp.

NINA RODRIGUES, Raimundo (2006) *O animismo fetichista do negros baianos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, UFRJ.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

PEIXOTO, Paulo (2009) Requalificação urbana, In. FORTUNA, Carlos & LEITE, Rogério Proença (org.) *Plural de cidade: novos léxicos urbano*. Coimbra (Portugal): Edições Almedina.

POLLARI RODRIGUES, Rodrigo & BRAGA, Sérgio Ivan Gil (2010) “Metamorfose ambulante”: uma viagem de ônibus como rito de passagem. In. *Somanlu*, Manaus: EDUA, ano 8, n. 1, p. 43-74, jan./jul 2008.

SIMMEL, Georg (1997) A metrópole e vida do espírito In: FORTUNA, Carlos (org.) *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras (Portugal): Celta Editora.

SILVA, Vagner Golçalves (1995) *Orixás da metrópole*. Petrópolis: Editora Vozes.

SILVA, Hério R. S. (2009) A situação etnográfica: andar e ver, In. *Horizontes Antropológico: Etnografias*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, Ano 15, Volume 32, p.171-189, Julho/Dezembro de 2009.